



**O PACIENTE
- O CASO
TANCREDO
NEVES**

Dia 10, quarta, 22h.
TELECINE PREMIUM,
161 e 661 (HD)

ANATOMIA DA HISTÓRIA

O Paciente, dirigido por Sérgio Rezende, traz o drama do presidente eleito Tancredo Neves que, na véspera de subir a rampa do Planalto e colocar ponto final em duas décadas de ditadura militar, foi internado e não resistiu a sete cirurgias em 37 dias

por Por Décio Galina

Retrato fiel – O longa-metragem foca em bastidores do tratamento de Tancredo Neves, mas também faz referência a imagens que entraram para os livros escolares, caso da pose do presidente com a equipe médica



NÃO DÁ PARA SENTAR E assistir ao filme *O Paciente*, dirigido por Sérgio Rezende, como se fosse um longa-metragem qualquer. A começar por sabermos qual é o triste fim do político mineiro de São João del-Rei, Tancredo Neves (1910-1985), mas, principalmente, por estar diante de uma sequência de fatos que, se não retratassem uma passagem real da história do Brasil, certamente a gente acharia exagero do roteiro. Pois não é.

Tancredo seria o primeiro presidente civil a subir a rampa do Palácio do Planalto, na Praça dos Três Poderes, em Brasília, após uma ferrenha ditadura militar de 21 anos, um período de tortura, morte e privação da liberdade que finalmente ficaria para trás. E, justo na véspera da posse (veja bem, na véspera), quando receberia a faixa presidencial de João Baptista de Oliveira Figueiredo (1918-1999) no dia 15 de março, Tancredo concorda em ser internado – depois de relutar muito com os médicos, dizendo que não poderia colocar a transição em perigo, já que os militares não suportariam José Sarney, o então vice. Bateu o pé que não passaria por cirurgia antes da posse – até não aguentar mais de dor no abdômen.

O Paciente é baseado no livro do historiador Luís Mir, que entrevistou 42 pessoas ligadas ao caso. O autor

pesquisou, no detalhe, os prontuários médicos que registraram a sucessão de lambanças feitas a partir da primeira cirurgia e a suspeita (errada) de se tratar de uma apendicite até o desfecho trágico após sete (sete!) cirurgias. O ator Othon Bastos vive o presidente eleito de forma indireta pelo Colégio Eleitoral no dia 15 de janeiro de 1985: com José Sarney como vice, Tancredo bateu Paulo Maluf por 480 votos a 180.

Usando imagens reais de época, o filme refaz o drama dos 37 dias em que o presidente esteve internado no Hospital de Base de Brasília e depois no Instituto do Coração, em São Paulo, onde morreu por infecção dia 21 de abril – a mesma data em que o conterrâneo Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi enforcado em 1792.

O fatídico boletim médico lido pelo porta-voz da presidência Antônio Britto (interpretado por Emilio Dantas), que iniciou o anúncio da morte de Tancredo com “lamento informar”, dispara a comoção nacional de um povo que não entende como isso pode ter acontecido depois de tanta expectativa – e bem um dia antes da festa, da posse, do início dos novos tempos. Parecia inacreditável.

O mês de abril do ano anterior (1984) tem um roteiro similar, que envolve a expectativa inicial de uma grande transformação e desemboca em uma frustração sem precedentes. Para que o filme O



Reconstituição – Entre as cenas do filme, o ator Othon Bastos ladeado por Esther Góes e Lucas Drummond no corredor de hospital. Emilio Dantas como o porta-voz que dá a fatídica notícia à nação. O paciente na maca ensaiando o discurso que nunca aconteceria

Realidade – Antônio Brito em um dos seus boletins. O velório de Tancredo, que não se imaginava pouco tempo antes na sua eleição consagrada no Colégio Eleitoral (o então eleito ao lado da esposa Risoleta). As orações dos brasileiros que se tornaram luto

Paciente ganhe o tom que merece, vale lembrar que um ano antes da morte do Tancredo o país borbulhava com um abril que registrou as maiores manifestações públicas da história do Brasil: um milhão de pessoas em comício na Praça da Candelária, no centro do Rio, dia 10; e cerca de 1,5 milhão de pessoas no Vale do Anhangabaú, no dia 16.

O Brasil berrava por Diretas-já. No dia 25, a emenda do deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT) foi votada em Brasília para estabelecer a eleição direta para presidente. Em um Congresso Nacional cercado pela PM, a emenda obteve 298 votos dos 479 deputados. Quase deu. Faltaram 22 votos para atingir os dois terços necessários do Congresso.

Derrota dura, mas o não suficiente para calar o clamor pela mudança – já era um caminho sem volta. Um ano depois lá estava o país pronto para viver um momento mágico com seu presidente civil e... nada. De novo, o gosto amargo do quase, e José Sarney assume interinamente dia 15 de março de 1985 o cargo que ocuparia por cinco anos, período em que ocorre a promulgação da nova Constituição brasileira em 5 de outubro de 1988.

A gravidade do cenário nacional e o retrospecto recente de turbulências sociais temperam em fogo alto o comportamento dos personagens que dão as cartas no filme: os médicos. Duelo de egos, discussões durante as cirurgias, diagnósticos equivocados, suturas mal

feitas, acusações, mentiras, laudos falsos e 48 boletins dirigidos à nação que nunca traziam o que de fato estava acontecendo com o presidente eleito.

Francisco Pinheiro Rocha (vivido por Leonardo Medeiros), que fez a primeira cirurgia, e Henrique Pinotti (Paulo Betti), cirurgião gástrico que vem de São Paulo para colaborar com a junta médica, chegam a ter um confronto físico, separados por colegas como Renault Ribeiro (Otávio Muller). Foi o doutor Pinheiro que disse a frase “morto o senhor não toma posse” para convencer Tancredo a se internar antes de subir a rampa.

Risoleta (Esther Góes), mulher do presidente eleito, que meses antes da posse insistiu – em vão – que o marido investigasse o que eram as crescentes dores no abdômen, e o neto Aécio (Lucas Drummond) assistiram de camarote o escorrer de dias angustiantes e informações desencontradas – uma teoria que correu o Brasil dava conta que Tancredo havia levado um tiro.

Mas não levou. Definindo e se sentindo cansado a cada nova cirurgia, Tancredo Neves desabafou antes de ser entubado pela última vez: “Eu não merecia isso”. Depois da gestão de José Sarney, em dezembro de 1989, Fernando Collor de Mello, o Caçador de Marajás, vence Luís Inácio Lula da Silva com 51.5% dos votos válidos contra 48.5%. Aí, começa uma outra história que também vai parecer exagero do roteiro. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO/AGÊNCIA O GLOBO